

YAKRUNA
expediente

integrantes

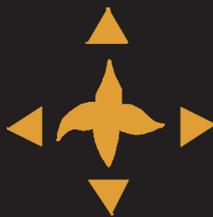
Gabriel Augusto
Isadora Totaro
Mariana Macedo
Tarcila Rigo

disciplinas

Design Gráfico e Editoração
(prof^o Marcus Bastos)

Hypermídia I
(prof^o Marcelo Prioste)

Lingua Portuguesa I
(prof^o Cassiano Butti)



Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo

2º semestre/2019





o rio é filho da anaconda,
engole tudo o que for pesado.

o rio

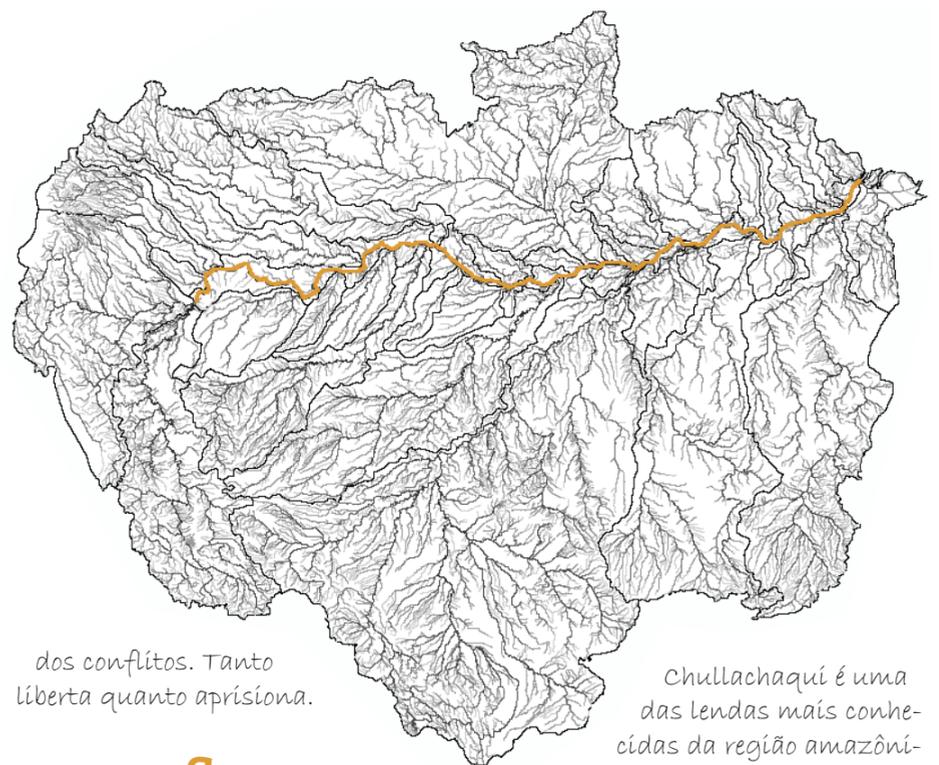


dos homens e retornar a sua antiga forma humana. Este mito explica a origem do *cipó-mariri* ou *ayahuasca*.
No filme o rio é carregado de simbolismos. É por ele que a história corre, os encontros acontecem, as descobertas e aprendizados fluem. Por ele os brancos chegaram, até os cauchos (seringueira) trazendo morte e destruição. Por ele os indígenas escapam da morte quando atacados. Por ele a impositiva da fé vai se expandindo. Mas também é por meio dele que se encontra a purificação, a vida, o caminho para a região das três montanhas, onde está a última *Yakruna*. É ele, caro-daloso e lento, quem diz a progressão do tempo. Suas curvas são moradas. O rio limpa, engole tudo o que for pesado. Muito simbólico é quando surge uma arma de fogo das matas de Theo e ela logo é engolida pelas águas. O rio mostra sua força diante a insignificância humana.

“O rio é filho da Anaconda”, diz Karamakate.
Pelas tradições ameríndias da região narrada no filme, a cobra esta diretamente relacionada à criação. Na lenda *Ticuna*, a maior etnia indígena amazônica, a cobra grande saiu para passear e o seu rastro foi deixado sulcos sinuosos pela terra. Com a chuva, esses sulcos se encheram, transformando-se no rio, e originando a vida. Já para os *Kaxinawa*, outra etnia da região, houve um homem, *Yube*, que ao se apaixonar por uma mulher *sucuri*, transferiu-se também em *sucuri* e passou a viver com ela no mundo profundo das águas. Nesse mundo, descobre uma bebida alucinógena com poderes curativos e de acesso ao conhecimento. Um dia, sem avisar a esposa *sucuri*, *Yube* decide voltar à terra.

simbologia

mapa da bacia de drenagem do rio e seus afluentes



dos conflitos. Tanto liberta quanto aprisiona.

Chullachaquí é uma das lendas mais conhecidas da região amazônica onde ocorre a narrativa do filme. Trata-se de um espírito da floresta que toma a forma humana para enganar as pessoas. Quando velho, *Karamakate* perde a memória e diz ter se tornado seu *Chullachaquí*. Segundo ele, há um idêntico para cada humano. Porém oco, vaga sem sentido pelo mundo. Sendo ágrafos e de tradição oral, a memória é muito importante para os ameríndios, pois só por meio dela a história segue adiante. No filme, a memória é remontada por esses reflexos.

o reflexo

Ver-se refletido nas águas do rio é muito simbólico. Assim como *Narciso*, toda cultura primitiva carrega sua lenda relacionada. O eu refletido não existe. Ele é incerto e se desmancha com o menor movimento da água. O reflexo não permite ver o que há além. Ele é cortado ao meio pelo trajeto da canoa, simbolizando as dúvidas e contradições dos personagens. *Karamakate*, ao se ver refletido numa fotografia pela primeira vez, diz ver seu *Chullachaquí*.

o território

Com aproximadamente 7.000 km de extensão, o Amazonas é o maior e mais volumoso rio do mundo, comportando em sua bacia fluvial 1/5 de toda a água doce líquida do planeta. Por ser um rio de planície, é navegável por quase todo o seu curso, sendo o principal meio de locomoção dos muitos povos que vivem às suas margens. Tem sido também a base da subsistência de inúmeros povos ao longo da história, graças a diversidade e abundância de fauna e flora. Pelos escritos do etnólogo alemão *Theodor Koch-Grünberg*, que serviram de base para o enredo do filme e construção dos personagens, a história ocorre na região da tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia, onde o rio é formado por inúmeros afluentes. As trajetórias do personagem *Karamakate*, primeiro com *Theo* e *Manduca* e, quarenta anos depois, com *Evans*, seguem o mapa das águas e nos mostra as alterações da geografia causadas pela intervenção humana, tendo como principal agente de destruição o ciclo da borracha na região, que viveu o seu auge entre 1879 e 1912. O rio proporcionou tanto as interações e conflitos entre os povos originários, como também a chegada do homem branco e seu processo civilizatório colonial.

o desconhecido

“Nunca sonhei. Nem dormindo, nem desperto. Nem mesmo o *caapí* fez efeito em mim. Espero que a *Yakruna* possa me ajudar.”
Essa é uma das primeiras frases que *Evans* diz para o velho *Karamakate*, quando o conhece. Em grande parte das culturas ameríndias, o maior valor que existe é o que vem dos sonhos e do inconsciente. Pouco ou nenhum valor se dá para o acúmulo de bens materiais, mantendo consigo apenas o que tem valor espiritual e de transcendência. As malocas costumam ser coletivas, equipadas por poucos itens que, muitas vezes, são apenas para alimentação e defesa. Nesse sentido o *caapí*, bebida enteógena, também conhecida por *Ayahuasca*, é o principal guia na trajetória de busca dos personagens do filme. É o meio de contato de *Karamakate* com os Deuses, que irão mostrar o caminho e permitir, ou não, a viagem. A busca pela *Yakruna*, planta fictícia que se deduz sagrada e com poderes de cura, é motivo e objeto da viagem. Da perspectiva da canoa, o novo e as lembranças são trazidos pela corrente. Suas águas significam o ancestral e o divino, mito da criação e origem. O rio é o caminho para o desconhecido, causa e a solução



Ayahuasca

Yajé, caapi, natema, pindé, kahi, mihi, dápa, bejuco de oro, vine of gold, vine of the spirits, vine of the soul, hoasca é uma bebida enteógena sacramental produzida a partir da combinação do Caapi/Cipó-mari-ri (*Banisteriopsis caapi*) com várias plantas, em particular a Chacrona (*Psychotria viridis*). Na linguagem Quechua, aya significa espírito ou ancestral, e huasca significa vinho ou chá.

A ayahuasca faz parte de um complexo fenômeno histórico, social e antropológico. Originalmente era utilizada pelos incas, mas evidências mostram sua utilização por uma região de aproximadamente 3.000 quilômetros de extensão, cobrindo um território que vai do norte

do Chile ao sul da Colômbia, passando pelos atuais Bolívia, Peru e Equador. No Brasil a difusão se dá a partir do estado do Acre. O primeiro contato ocidental se dá por meio de padres jesuítas Pablo Maroni em 1737 e Franz Xaver Veigl em 1868, em suas incursões pelo Rio Napo.

Os povos ameríndios creditam seus principais valores culturais aos sonhos e à subjetividade. Entre as diversas tribos da bacia amazônica, a bebida é percebida como inebriante, de origem divina que facilita o desprendimento da alma de seu confinamento corpóreo. Os rituais são feitos para consultar os Deuses sobre decisões importantes, previsões do tempo, guerra, etc. As visões provocadas pelo estado alterado de consciência são tidas como as respostas divinas. Em algumas tradições, apenas homens o consagram, em outras, todos tem essa liberdade e, em alguns casos, até mesmo crianças são admitidas ao ritual. Dentro da perspectiva

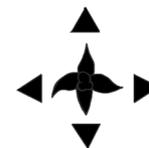
cristã, partindo dos relatos dos jesuítas do século XVIII, a bebida era usada para “adivinhação, mistificação e enfeitiçamento”.

O uso da ayahuasca se expandiu pela América do Sul e outras partes do mundo com o crescimento de movimentos religiosos organizados, sendo os mais significativos a União do Vegetal, o Santo Daime e a Barquinha, além de dissidências destas e grupos (centros, núcleos ou igrejas) independentes que o consagram em seus rituais.

Cientificamente, a propriedade psicoativa da ayahuasca se deve à presença, nas folhas da Chacrona, de uma substância denominada N, N-dimetiltriptamina (DMT), produzido naturalmente (em doses menores) no organismo humano. O DMT é metabolizado pelo organismo por meio da enzima monoamina oxidase (MAO). O Caapi possui alcalóides capazes de inibir os efeitos da MAO e, assim, evitar a oxidação da molécula de DMT,

o que a tornaria inativa. Desse modo, o DMT fica ativo quando administrado por via oral, tendo sua ação prolongada.

No filme *O Abraço da Serpente* (Dir. Ciro Guerra, 2015, COL) o ritual é eixo central da narrativa. Os personagens, separados por quatro décadas, estão todos em busca da Yakeruna, planta sagrada com poderes de cura, que muitos acreditam extinta ou que jamais existiu. O chá feito com a planta permite, além do contato direto com os Deuses, a iluminação de quem o toma, simbolizado por uma nuvem de borboletas brancas circundando o ser. Yakeruna é fictícia, foi criada para a narrativa, mas pode ser diretamente associada à Chacrona, uma das plantas principais na feitura da Ayahuasca.











No Me
Mires a
los Ojos





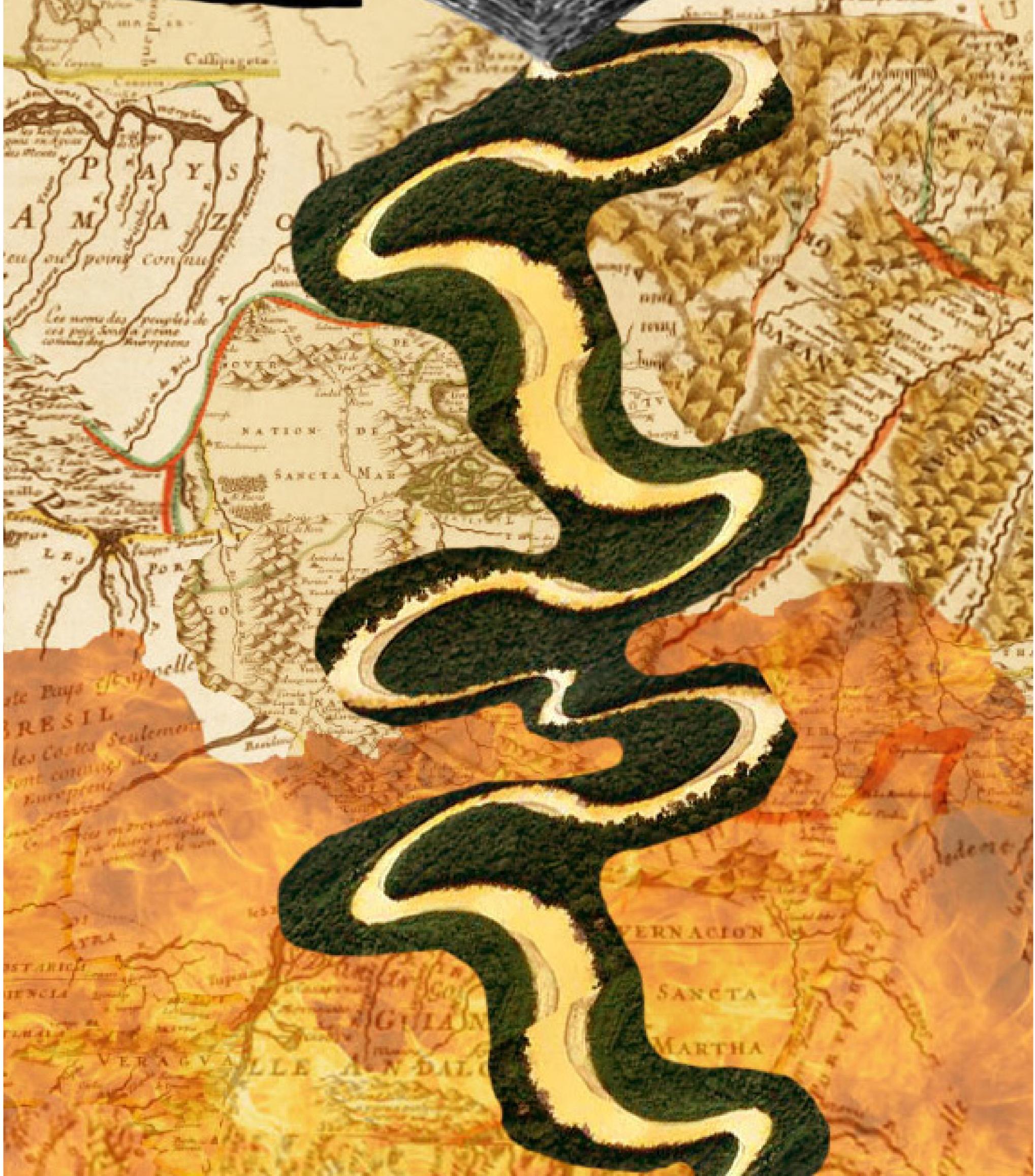
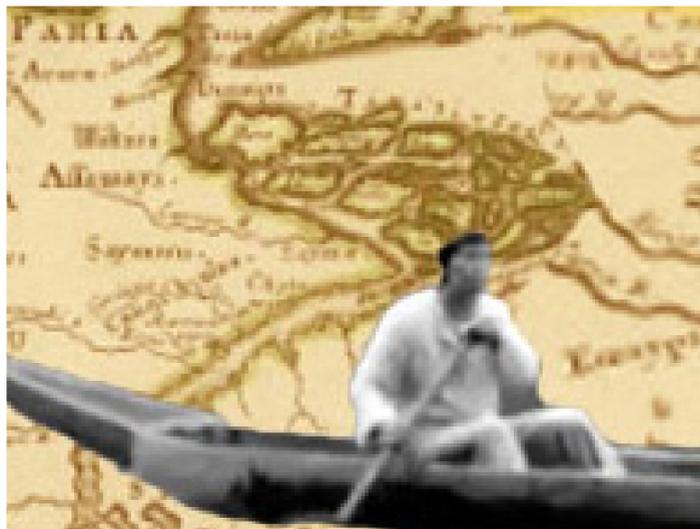
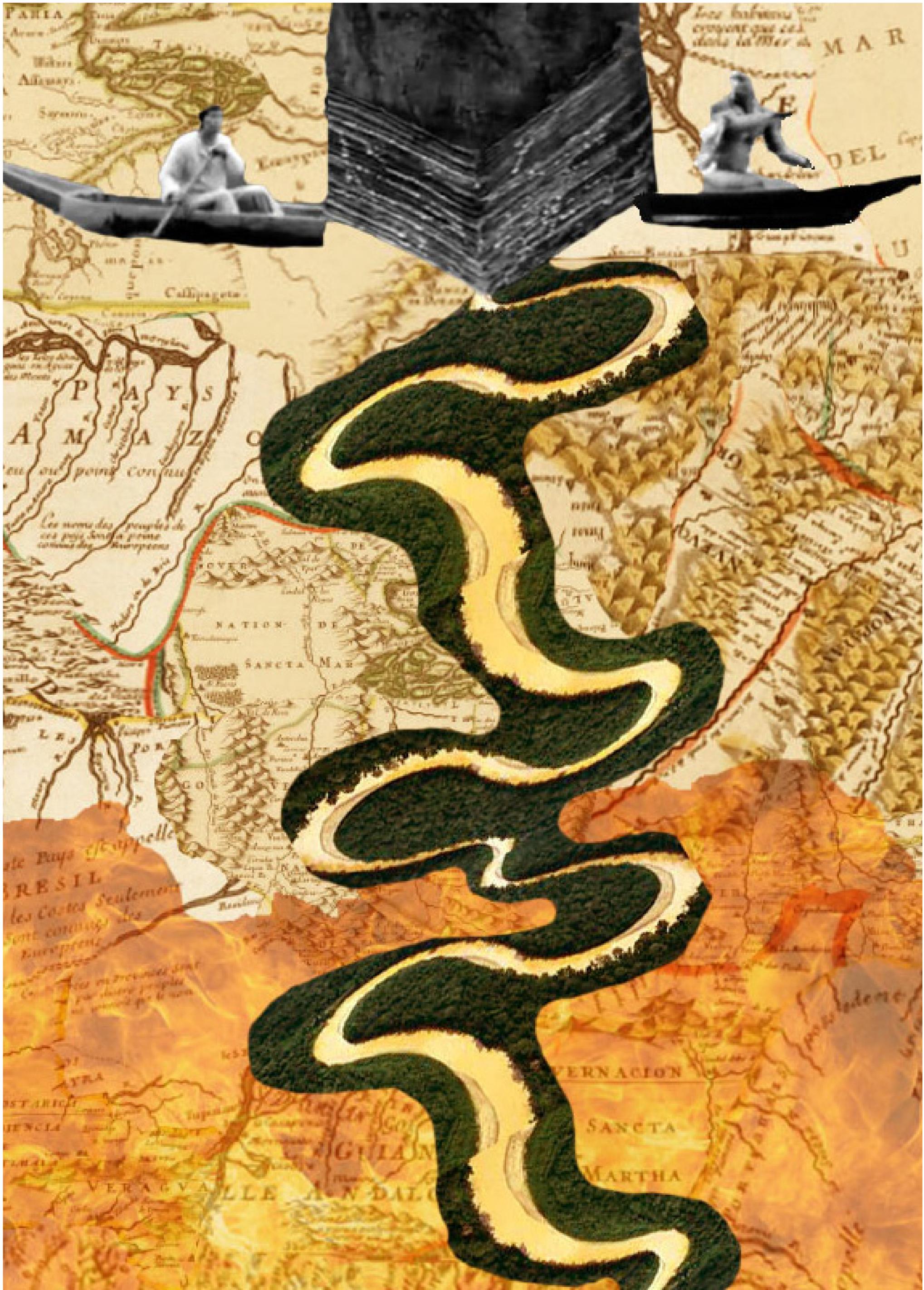
Sexta-feira, 31 de maio de 2019
Vila Poméia, São Paulo

No sé si me es posible
poner en palabras lo que
qué desfrutar de una
experiência análoga
a la extasie, o méjor,
la locura.

Sólo sé, que mirando
por entre los infinitos árboles
vi, en una imaginación
plasmada frente a mis ojos,
el yo que no se contiene
en mi cuerpo y vaga sólo;
Anima que no me tiene
ni me deja.

AR

Lejos se encuentra mi duplo?



PARIA
Alicante
Wabari
Alicante
Sarasota
Tome
L'Égypte

Les habitans
croient que cet
isthme se trouve
dans la Mer de
M A R
E
DEL

Callipagata
P A Y S
A M A Z O N
ou au point Confluence
Les noms des peuples de
ces pays sont à peine
connus des Européens
NATION DE
SANCTA MAR
VERAGVALLÉ
SANTA
MARTHA
VERAGVALLÉ
SANTA
MARTHA

Nada me hace olvidar la gana
de besar tus ojos todas las mañanas.
El Sol toca a nosotros con las dulces
caricias del calor que me penetra
en la carne los deseos el Uno.

No te engañes. A todos Él es igualmente
Malo. No por una cuestión de juicio,
y sí por indiferencia.

No tema las faces ocultas, pero confie
y no dejes de adentrar a todas las
frestas de alumbramiento.

Que el proceso inevitable de la cura
atrás de la difícil verdad,
que es la muerte, se recusa revelar
la verdadera identidad del ciclo
antropofágico del tiempo eterno.
Río de corriente rebelde
que a nadie permite reencontrarlo.

Si no me permites seguir tu flujo
me haga tan inconstante como tú
para que yo pueda disolvermi
identidad y nunca creerme como
verdad.

Para que cuando yo cierre los ojos
las bellezas ya no necesiten
temer en manifestar sus
colores de sueño y no me
permitan nunca ver su
rostro, mismo revelando
todo su carácter de
irrealidad.

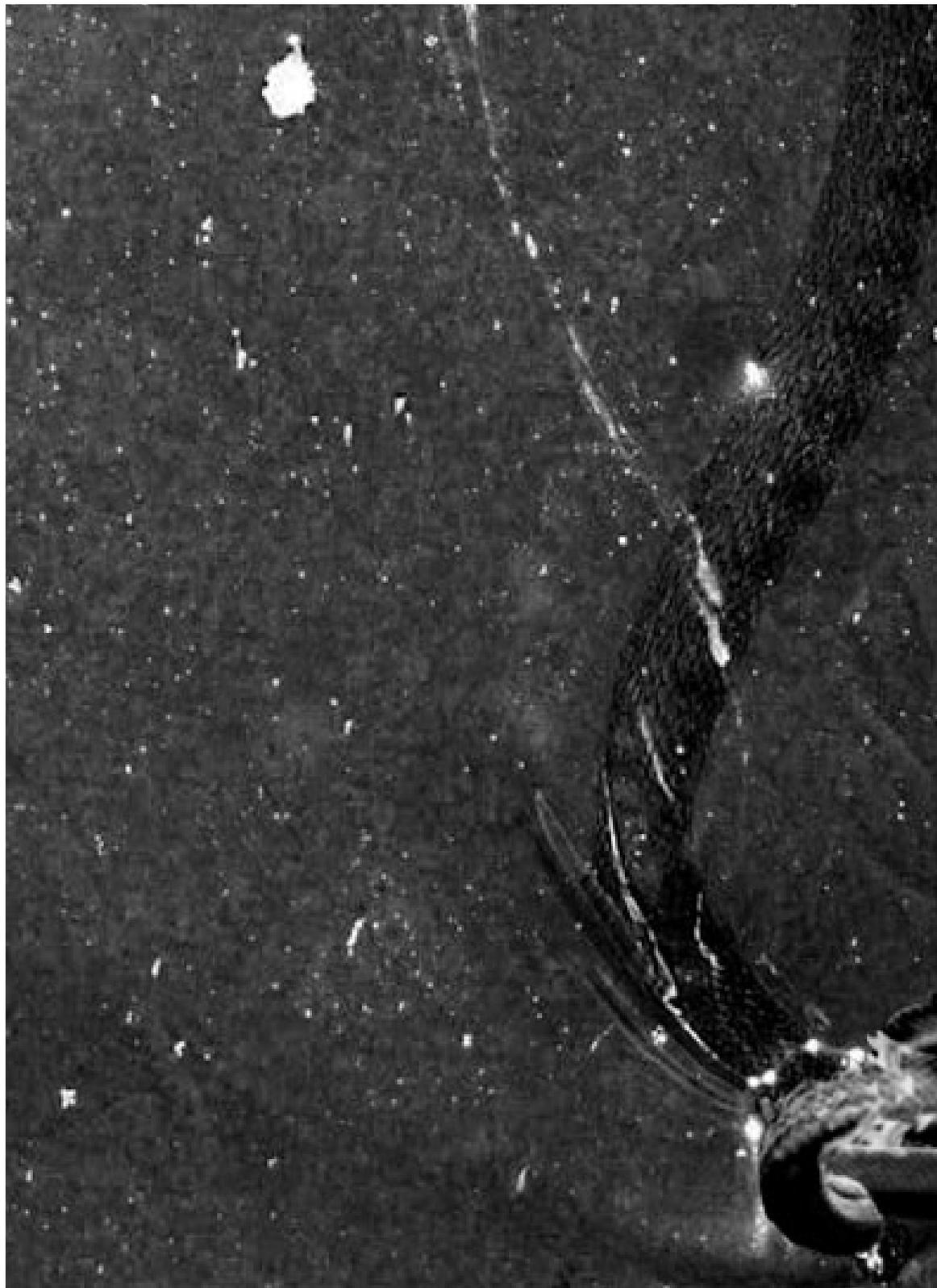
Deseo seguir ciega,
en mi consciencia,
para que pueda vivir
como una más entre
los hombres.
Pero sin vacilar
sigo fiel a los imperativos
de mis propios sueños.

Así como no sé decir como ahí llegué,
tampoco lo sé como pude salir.
Pero sé que ya no soy la misma.

Y quien los es?
A nadie es dado el derecho de no
cambiar.

La transformación es la regla
y por eso necesito suerte
y la bendición de todos,
pues soy apenas un más,
ánima sola que va,
mismo por los lugares
que a todos temen
adentrar.





**aparecendo,
desaparecendo**

símbolo das origens da vida

e reaparecendo,

fluindo da terra como a água

do perpétuo recomeço

do eterno retorno

perenidade ancestral

EXPLORAÇÃO

FOGO

IMPOSIÇÃO

REDEÇÃO

Mata
Da emergência
Que suplica
Se apaga
Corre por entre eles

A transcendência utópica
Do branco
Extração
Do plantio ancestral

Mata
Que vibra e grita
Conhecidos
Ancestrais
Presentes

Retém conhecimento
E rejeita
Abomina
Estrangula outros

Branços.

A extração de cultura, pela intrusão, exploração, redução de povos,
Esses que transbordam conhecimento
Que caminham por entre as raízes da mata.

A frustração do branco, que jamais alcançará
O inconsciente coletivo de todos os povos da terra.



*Corro entre a mata,
corto o caminho dos animais terrestres,
carrego e sou fonte de vida.*

*Sem mim não há floresta,
não há animal,
não há humano.*

*Te levo pelos lugares mais internos de minha casa
e você é bem-vindo em mim.
(Por que não me respeita?)
Te ensinarei a ouvir,
sou o gênesis de teu ser.*

*Me siga,
plante em minhas várzeas,
beba e coma do meu corpo,
navegue pelas minhas curvas.*

*Se aventure pelos mistérios das minhas profundezas,
eu te guiarei para onde quer chegar,
pois em mim há a vida e a morte de sua espécie.*

*Trago a origem
e, em meu trajeto, há histórias,
por minhas veias escorrem suas riquezas.*

*Minhas margens restringem a variação
e contêm as marcas
daqueles que de mim usurparam
para invadir os territórios dos povos originários.*



Rastejo por entre o quente e o gelado, adentrando camadas por dentre peles; as deixo como informe para os que buscam transcender a encontrarem, mas também se perdem pelos caminhos que a água faz por si só, como um caminhar em curvas, a flexibilidade e as possibilidades que, muitas vezes, os levam a espiral do meu ser e acabam por encontrar os próprios medos, em seus reflexos.

Rejuvenesco, e minha presença se faz em tempos distintos, evoluo em mim mesma, infinitamente em todas as minhas camadas e permaneço, retornando eternamente, peregrino ancestralmente, recomeço perpetuamente.

Os que me decifram, sendo senhora do futuro e detentora do passado, e os que não se perdem em minhas espirais, que conseguem navegar pelos espíritos dos mortos junto a mim abaixo da terra, e ouvir os segredos da morte, conseguem possuir o triunfo que me contorna, o inconsciente pré-humano sobre a consciência em evolução.

Minha sabedoria enigmática, da dualidade eterna entre a fuga e o bote, os alimenta com a minha cura, regeneração e transformação, apenas um espírito transcendental e orientado pelos espíritos do passado ancestral, dominam o tempo e transbordam, cheios, todo o seu conhecimento.

O humano, colonizador, que caminha em espiral não adentra em minhas vísceras, se perde no caminho, não segue a sombra do meu rastejar e não me abraça, não transmuta no inconsciente coletivo de todos os povos da terra.

Possuo não temporalmente diversas formas, transformo meu corpo para não me perder no tempo e permanecer circundando os povos que detem meu poder, e os que colonizam, vazios de conhecimento, ocios, não possuem a energia consciente e inconsciente da vida, permanecem perdidos em minhas peles, parados no tempo, não aprofundam meu ser e sombra, necessitam de uma planta sagrada para chegar ao transbordar dos tempos, e ouvir os segredos mais terrenos e oníricos da ancestralidade histórica, esses que se perdem por terras e por águas e por todas as trilhas de meu rastejo, eles não me abraçam, e nem eu a eles. Os estrangulo.









Quero

Ser

o Rio





Tem vida, tem som e forma. Nos guia por entre o território. Pelos caminhos do desconhecido. Nos mostra o que nunca foi visto. Abre portas para o que nunca foi feito.

O rio é o contato com o outro. O reflexo do Eu e de Nós. A simbologia do nascimento.



*Sábado, 9 de fevereiro de 2013
Território Indígena Panará
Pará - Brasil*

*fim da tarde.
A árvore senhora
contempla
um rio que chama
águas-cobre e tons terra
presença fluida.*

*Nós também vamos,
fluímos
e desmanchamos.*

AR





À margem
o barco
um menino com rede
a adormecer peixes.

O silêncio canta
a noite nascer
atrás da curva
toda aldeia laranja
se enegresse.

O sol morre
mais uma vez
seu sangue tinge
o céu
e o rio
espelha
a impermanência.

E o domínio da escuridão
chama fogo,
velhos
e crianças
para se unir
e cochichar histórias
fora do tempo.



Mais um ciclo.
Nada se vê
Nada se fala
ou mesmo se pensa.
Pois é consumado
o sorriso.

À margem
eu
observei e chorei.

Pois viver
diariamente
a plenitude da vida,
simples e magnânima,
é privilégio de poucos.

Quem realmente está vivo?

Me vejo neste rostos
e em todos os outros.
Mas carrego no corpo
a cor da culpa.

Quem eu sou?

No dia em que todos puderem viver,
quero ser o rio.

